

**O CENÁCULO:
HISTÓRIA E
LITERATURA NA
REPÚBLICA
CURITIBANA**

DOI: 10.5935/2177-6644.20160009

O CENÁCULO: HISTORY AND
LITERATURE IN THE CURITIBA
REPUBLIC

O CENÁCULO: HISTORIA Y
LITERATURA EN LA
REPÚBLICA EN CURITIBA

Eliana Djubatie*

Resumo: A partir do campo do sensível e das relações entre História e Literatura este artigo trata de uma discussão acerca da revista *O Cenáculo*, fundada por um grupo de literatos curitibanos, Dário Vellozo, Júlio Pernetta, Antônio Braga e Silveira Netto entre 1895 a 1897. Para tais compreensões lançou-se mão de indícios do periódico produzido pelo quarteto no período.

Palavras-chave: História. Literatura. Cenáculo. República.

Abstract: From the field of the sensible and the relationship between History and Literature this article is a discussion of The *Cenáculo* magazine, founded by a group of writers curitibanos, Dário Vellozo, Júlio Pernetta, Antônio Braga and Silveira Netto from 1895 to 1897. For such understandings it employed the evidence of the paper produced by the quartet in the period.

Key words: History. Literature. Cenáculo. Republic.

Resumen: Desde el campo de lo sensible y la relación entre la historia y la literatura este artículo es una discusión de la revista *O Cenáculo*, fundada por un grupo de escritores curitibanos, Dario Vellozo, Julio Pernetta, Antônio Braga y Silveira Netto de 1895 a 1897. Para tales entendimientos emplean la evidencia de la revista producida por el cuarteto en el período.

Palabras clave: História. Literatura. Cenáculo. República.

* Graduada em História, com especialização em História da América pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/PR. E-mail: edjubatie@yahoo.com.br

A literatura paranaense em fins do século XIX é evidenciada pelo constante intercâmbio com autores estrangeiros, especialmente com os franceses. Em Curitiba esta influência é identificada em textos realizados por um grupo de intelectuais formado por Dario Vellozo, Julio Pernetta, Silveira Netto e Antonio Braga, intitulado de *O Cenáculo*. A arte, para eles, era fundamentada como portadora da verdade e inspirada em autores como Pierre Loti, Vitor Hugo, Isidore-Lucien Ducasse, o Conde de Lautréamont, Rene Charles Marie Leconte de Lisle. Nesse contexto, Jean Itiberê é um dos intelectuais brasileiros a introduzir em Curitiba as peculiaridades dessa escrita francesa¹ e representa o empenho de se alavancar intelectualmente o Paraná no cenário brasileiro e mundial.

Tendo por base este cenário o objetivo do estudo ora proposto é uma breve introdução ao grupo e à revista por eles fundada, também intitulada de *O Cenáculo*, apontando as possibilidades do campo do sensível para o estudo das relações entre História e Literatura. Para tais compreensões lançar-se-á mão de indícios dos periódicos produzido pelo quarteto entre 1895 a 1897, em Curitiba.

A discussão acerca da temática é estimulada pelo constante interesse por textos literários na historiografia e pelas grandes mudanças, nos últimos anos, nas formas de concebê-los e torná-los fontes de estudo. Em meio às transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, os modelos de análise já não davam mais conta de explicar a realidade, impulsionando, dessa maneira, a fragmentação das pesquisas, a ampliação das temáticas e a inovação nas abordagens e problemáticas.

Os textos literários, segundo Ligia Chiappini (2000), operam como metáforas, figuras, alusões, símbolos, são intérpretes e produtores de opiniões, são contraditórios, comprometidos com grupos sociais; são políticas, confrontam e contrastam dialogicamente valores culturais. Dessa forma, a literatura constitui-se numa evidência peculiar e rica em problematizações, permitindo ao historiador fazer uma história “pelo avesso”, ou seja, uma história narrativa, compreendida, nas palavras de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), como arte de inventar o passado a partir de um registro individual, do “registro dos afetos”, das sensibilidades do cotidiano.

¹João Itiberê da Cunha adotava o nome de Jean Itiberê para se coadunar com suas produções em francês publicadas em *O Cenáculo*. Foi crítico e compositor, nasceu em Assunguy, hoje Cerro Azul, no Estado do Paraná. Diplomou-se em Direito pela Universidade de Bruxelas. Teve participação no movimento simbolista belga, graças à sua atuação na revista *La Jeune Belgique*, bem como no *Le Figaro*, de Paris. Voltou ao Brasil em 1892, fixando-se em Curitiba. Entrou para o jornalismo, primeiramente em *A Imprensa*, e depois no *Correio da Manhã*.

Entende-se que as sensibilidades estão expressas em todas as manifestações humanas, em objetos materiais, em atos, imagens, ritos, palavras, nas artes, enfim, os sentimentos se manifestam independentemente da consciência ou não do indivíduo.

Nesse sentido, o estudo das sensibilidades remete ao campo da estética, não apenas para pensar o belo enquanto institucionalização canônica, mas enquanto aquilo que “provoca emoções, que perturba, que mexe e altera os padrões estabelecidos e as formas de sentir” (PESAVENTO & LANGUE, 2007, p.21). A estética torna-se assim o campo por excelência através do qual possibilita a compreensão da emergência da ideia de arte para os autores cenaculistas dos primórdios da República.

Tal como outros conceitos, a estética deve ser identificada dentro de sua própria significação temporal e espacial. Se por um lado foi compreendida na antiguidade como aproximação com a representação das formas absolutas, na modernidade esteve mais ligada aos desejos fisiológicos do homem, entendido com sujeito atuante e transformador da natureza, não como mero espectador de uma temporalidade divina, natural.

Assim, considerando que o mundo, a realidade, a vida, são apreendidos como representações artísticas, em que tudo é arte – embora nem tudo seja considerado belo em determinadas circunstâncias – e que nada preexiste a essa criação, a estética é o caminho mais seguro para a compreensão das criações cenaculistas. Ou seja, o campo da estética pode lançar luz às interpretações em torno da subjetivação do mundo e do próprio homem, a partir das técnicas criadas e empreendidas por determinados sujeitos em determinadas sociedades.

Todo o acontecer estético – como a escrita, esculturas, arquitetura, pinturas, dentre outros – [...] condensa uma diversidade de práticas sociais e se realiza num grande jogo entre atores diversos. O acontecimento estético é um entrecruzar constante entre política e arte, entre economia e arte, entre urbanismo e arte, entre cultura e arte (FLORES, M. B. R; LEHMKUHL, L.; COLLAÇO, V., 2006, p. 16).

Assim, compreender um movimento histórico por meio do campo da estética é buscar as visibilidades e as dizibilidades de forma diferenciada, assim como, recriar mundos particulares “frutos de diferentes agenciamentos que se conectam formando relações de força e de sentido” (GARCIA JUNIOR, 2008). Ou seja, as mudanças no campo do sensível podem interferir diretamente nas transformações culturais, políticas e sociais de um determinado período.

O Cenáculo

A fim de buscar entender a importância do grupo cenaculistas para a emergência de uma identidade literária em fins do século XIX, serão apresentados alguns estudos que tratam do grupo. Destes, destacam-se os realizados por Maria Tarcisa Silva Bega (2001) e Sílvia Gomes Bento de Mello (2008).

Por meio das ferramentas próprias da Sociologia, Bega (2001) investiga as últimas décadas do século XIX como o período da emergência do que chama de primeira geração de intelectuais paranaenses, que marcariam o cenário nacional pela originalidade de expressão nas letras. A partir das condições sociais, institucionais e intelectuais, a chamada Geração Simbolista é adotada como portadora e responsável pela construção de uma identidade paranaense. Para a autora, o Cenáculo representou a consolidação dos talentos literários e os posicionamentos frente às questões conjunturais político-econômico-social do período. O Cenáculo teria como um de seus objetivos “revolucionar o estilo e a métrica parnasianos”, bem como, contribuir na construção de um espaço e uma literatura regional paranaense sem perder os vínculos com o nacional.

Por sua vez, Sílvia Gomes Bento de Mello (2008) lança mão das abordagens teórico-metodológicas da História Cultural e realiza um estudo amplo da mocidade intelectual paranaense. Por meio de diversos periódicos, apresenta uma discussão acerca da mudança de regime de escrita operado nas últimas décadas do século XIX, no Paraná. Dentro dessa conjuntura de emergência da livre circulação da palavra, ligada ao envolvimento dos jovens intelectuais paranaenses com as atividades de leitura, escrita e oratória. Os intelectuais cenaculistas aparecem como parte de uma totalidade comprometida e impulsora do desenvolvimento intelectual e cultural do Estado.

O fortalecimento de associações ligadas às letras e à imprensa, a inovação na escrita, como queira Mello, ou o despontar de uma forma de escrita apariscente, como prefere Bega, insere, nesse período, Curitiba no cenário intelectual do país como centro de referência no que se alude à arte literária. Isso se dá principalmente em decorrência das edições da revista *O Cenáculo*, dirigida por Dario Vellozo e demais membros e colaboradores nacionais e estrangeiros da revista.

A partilha da ideia de arte e literatura entre cenaculistas e demais intelectuais paranaenses, segundo Mello (2008, p. 194) pode compendiar em “nobreza e perfeição; a

capacidade de imortalizar e perpetuar uma época; seu compromisso com a manutenção da memória, tradições, costumes de um povo, servindo mesmo como marca, registro da sua existência; seu caráter de missão e de ensinar lições; sua vinculação com a efetivação de um futuro de civilização e prosperidade”.

De tal modo é necessário observar os aspectos do contexto sócio-político-cultural das produções cenaculistas: um mundo de constantes mudanças e influências, tais como a autonomia da arte e sua proximidade com a vida; o despontar do saber como um ícone e instrumento do poder; a modernização, o progresso, o incentivo a educação por meio da implementação de colégios secundaristas e da disseminação de diversos veículos de comunicação, como revistas, jornais, gráficas; o distanciamento e a oposição da ciência às ideias clericais e a eclosão, no Paraná, da revolução federalista.

Através de cronistas, escritores e historiadores, Marco Aurélio Monteiro Pereira (1996) desenvolve um estudo sobre a cidade de Curitiba em fins do século XIX e início do XX. Destaca que os discursos elaborados sobre a cidade eram caracterizados por forte ênfase no “progressismo”, típico de uma cidade em processo de urbanização. Segundo o autor, todos os componentes desta formação discursiva apontavam para a noção de progresso em seus diversos aspectos: arquitetônico, urbanístico, comércio-industrial, educacional, político. Entretanto o simbolismo, estilo que se destacava nos escritos cenaculistas, é uma estética que nega e critica essa modernidade que aflora em Curitiba.

De forma polêmica e contraditória, a revista *O Cenáculo* ficou marcada na história literária do Paraná, sobretudo por ser considerada um dos núcleos principais de gestação da tendência simbolista. A revista editada pelo grupo Cenáculo foi considerada uma das mais relevantes publicações nacionais desta tendência. Uma tendência estética que aquinhoou o cenário cultural nacional juntamente com o Romantismo, Realismo, Naturalismo e o Parnasianismo.

Para os cenaculistas os periódicos foram considerados representantes da partilha da palavra, um meio de disseminar a igualdade e a justiça. A imprensa era entendida como um instrumento que efetivaria o direito à palavra a toda a comunidade e um meio de forjar discussões em torno de experiências de leitura, escrita e oratória, voltadas para temáticas de arte, política, ciência, literatura e outras questões suscitadas pela conjuntura sócio-político-cultural do período. Por esta razão, identifica-se como pauta de suas

discussões o anticlericalismo, civilização, República e o modernismo. Temáticas estas contemporâneas e tratadas de forma particular pelo grupo no chamado Retiro Saudoso.²

Embora intitulados pelos pesquisadores como simbolistas, os próprios cenaculistas não se identificavam como partes de uma tendência única de escrita:

O Cenaculo não vem pugnar dogmaticamente por nenhuma escola philosophica ou literaria, porquanto não adimite o exclusivismo partidário, nem reza lithurgicamente as litanias psalmodiadas pelo fanatismo ortodoxo; [...] traz a abnegação heroica dos agitadores que reagem contra a inercia e a apathia da ignorancia pernicioso e sudarisadora, a boa vontade dos simples que lutam pertinazmente pela insigne victoria das justas causas magnânimas [sic]. (VELLOZO, 1895, p. 5).

Dessa maneira, seus escritos não se conjugam em uma tendência estética única e hermética, pois, trata-se de escritos heterogêneos e díspares, portanto, qualifica-los de modo a excluir suas múltiplas influências reduz veementemente a complexidade encerrada em suas produções.

Em uma das edições de *O Cenáculo* Silveira Netto fundamenta a essência da arte nas seguintes palavras: “A arte que tem seu ideal n’uma ronda de sonhos pelas porcellanas do Infinito, não supporta os regimes da Eschola, nem das Epochas; mostra-se a Arte quando é sincera e livre [sic]” (SILVEIRA NETTO, 1897, p. 28).

Dessa forma, considera-se o simbolismo como parte das tendências estéticas congregadas pelos cenaculistas, mas encerra peculiaridades próprias no grupo, justamente da convergência de outras tendências e do contexto mais amplo de efervescência cultural, de transformações político-sociais e pela forte influência de autores estrangeiros. Como sugere Peter Gay (1990, p. 26), o autor “pode escrever da maneira que escreve porque, antes, outros escreveram dessa sua maneira ou porque, antes, outros *não* escreveram dessa sua maneira. Qualquer que seja sua atitude, ele não pode ficar indiferente à atmosfera que, pela escolha de sua profissão, é obrigado a respirar”.

Dentro dessa perspectiva, vale ressaltar o caráter simbolista de *O Cenáculo*, na medida em que a sua estética foi marcada pela tomada de consciência da dimensão

² Porão da casa de Dario Vellozo, local em que se reuniam Julio Pernetta, Dário Vellozo, Silveira Netto, Antonio Braga e convidados, para debates acerca das questões diversas, culturais, sociais, política, e outras.

simbólica da linguagem. Dário Vellozo a considerava “um registro espiritual, senão filosófico, e um registro propriamente literário, ou poético”. Esse movimento é visto como propagador de discursos antimaterialistas, que visa, através da palavra, o alcance para além do real (VELOZZO, XIII).

O Grupo, influenciado pelo neocatolicismo, pelo esoterismo, pelo ocultismo, reivindicava a autonomia literária, a poesia a serviço do belo e contra a comercialização de folhetim. Neste sentido, para Mello (2008, p.171) “O regime estético das artes inovou ao questionar a representação, ao propor uma arte regida por uma nova lógica [...] a lógica representativa primava por separar o mundo das imitações da arte, do mundo dos interesses vitais e das grandezas político-sociais”. O grupo Cenáculo tornou-se respeitável e admirável na sociedade curitibana por desempenhar um papel fundamental na divulgação de um novo estilo de escrita.

As trinta edições publicadas em três anos da revista *O Cenáculo* demonstram um apressado às letras pelos intelectuais e leitores seletos dessas edições. Tais textos permitem um passeio pelas ideias sensíveis de uma arte que no período ainda pouco se praticava no Paraná, principalmente pela juventude. Se, como afirma Bega (2001), os cenaculistas tornam-se a primeira geração de intelectuais curitibanos, despontam no cenário brasileiro como instigadores de uma reflexão sociocultural do contexto de onde emergem. Trata-se de um grupo peculiar em sua escrita, pois não se encaixa em modelos pré-estabelecidos e, desse modo, faz-se necessário compreender as suas discontinuidades, as suas diferenças, suas contradições, suas construções originais e particulares.

Dario Vellozo enfatiza, logo nas páginas iniciais da primeira edição de 1897, a importância da literatura na representação das façanhas contemporâneas para o futuro das sociedades. Afirma que “a litteratura de um povo é o phanal de sua civilização. É pela litteratura que os povos se recommendam á posterioridade; e pela litteratura que a História sagra e sanciona os povos” [Sic]. (VELOZZO, 1897, p.6). Cita Dante como àquele gênio “alma do povo” que preservara a história da Itália, Camões a de Portugal, Antar a dos Árabes, Shakespeare a da Grã-Bretanha, Goethe e Schiller da Germânia, Henrik Ibsen a da Escandinávia.

Os nomes remetem a um conhecimento amplo de uma literatura significativa da história mundial. Trata-se de autores que perpassam tempos e se fixam como representantes de sociedades distintas, afastadas e representadas de formas marcantes. Destarte, a literatura exaltada e venerada no período era a fonte de inspiração para as

produções intelectuais do grupo cenaculistas, o que resultava ora em publicações em francês por alguns autores como Jean Itiberê e Pierre Lotti, ora em textos franceses traduzidos para o português como, por exemplo, *O Corvo* de Leconte de Lisle.

Através dos colaboradores da revista, também é possível observar a influência exercida pelo grupo e a comunhão de ideias partilhadas entre eles, mesmo em textos de diferentes naturezas, como mostra a primeira edição de janeiro de 1897. Esta, contou com a colaboração de textos informativos e históricos, como o escrito por Pierre Loti com *Jerusalém* e Rocha Pombo com *Estudo das Lingoas*, bem como textos em prosas e poesias de Luiz Murat com *Vendo-a rezar*, Dario Vellozo com *Pthysica*, Alberto Rangel com *Martha* e de Silveira Netto com *Carta*. As formas de dizer do amor em forma de prosa, de poesia, de histórias; a forma de dizer do feminino impera essa edição de *O Cenáculo*.

Em *O estudo das Lingoas* de Rocha Pombo, a palavra é exaltada como aquela que permite a apreensão do presente e do passado; como uma expressão atemporal responsável por perpetuar a história do homem:

A historia comprehende phenomenos de natureza muito complexa e que se revelam nas obras dos homens – nos monumentos, nos túmulos, nas cidades, nas instituições. Mas é sobretudo na palavra que taes phenomenos ficam palpitantes através do tempo; pois que a palavra não é menor do que a manifestação direta, espontânea e viva de quanto sentio, pensou e obrou o povo que a tem falado (sic). (ROCHA POMBO, 1987, p. 09-16).

Para Mello (2008, p. 182), os cenaculistas “sentiam-se agentes, sujeitos de uma importância ímpar na constituição de referências a respeito do Paraná.” Neste sentido, abordaram temáticas diversas como a da problemática indígena, do anticlericalismo, da guerra, da ignorância das letras, das dificuldades da escrita, do amor, da solidão, da perda, da nação. Tais assuntos contemplados por Dario Vellozo, Silveira Netto, Antonio Braga e Julio Pernetta em suas diversas publicações, não só em *O Cenáculo*, como em outras revistas que circulavam no meio Curitibano, como *A Arte*, *Azul*, *Pallium*, *A Galeria Illustrada*, *Club Curitibano*, foram responsáveis pela identidade do grupo e do movimento literário do qual faziam parte.

Embora grande destaque e intensa produção literária dos integrantes do grupo, a revista teria suas últimas edições lançadas no de 1897. A ausência de colaborações de

Antônio Braga e de Júlio Pernetta, neste ano, mostram os indícios dos acontecimentos posteriores, o fim do grupo e da revista. Entretanto, embora de curta vigência, as dedicatórias realizadas de Edmundo Barros a Aluízio de Azevedo no periódico fazem alusão a uma partilha e um intercâmbio de ideias que se propagam por diversos Estados do Brasil, de modo que se evidencia que as ideias não ficaram restritas ao cenário curitibano.

Ocultismo e anticlericalismo

Um dos enfoques em destaques em *O Cenáculo* é a aversão ao dogmatismo religioso. Essa forma de pensar era evidenciada tanto nos membros mais assíduos do grupo – Dário Vellozo e Julio Pernetta – quanto em alguns colaboradores da revista, como pode ser observado em *Imagens* de Oliveira Gomes.

Eu não preciso, para que minh'alma caia constricta em fervorosa adoração, dessas estatuas e desses altares a que vos ajoelhaes e onde a vossa prece se estiola como uma flor d'humildade, frágil e desbotada, sem dar a voss'alma o consolo que desejais e sem restituir-vos a fé que um dia deixastes fugir de vós, aberta a grade d'ouro das vossas crenças (...) Ah! Não preciso das vossas imagens sagradas; das vossas santas de punhaes de prata ao peito, rostos doloridos, olhos magoados apontando o Ceo; não precisos de vossos sacerdotes, de mãos diaphanas e voz ungida, implorando como mendigos [sic]. (GOMES, 1897, p.114-115).

Além de um novo olhar para as velhas questões cristãs da figura dos santos produzidas pela igreja católica, também é possível observar na escrita uma proximidade com a grafia francesa, o que demonstra uma afinidade bastante generalizada entre esses escritores do século XIX com a estética reproduzida na França.

De forma mais crítica, em Julio Pernetta, pode ser observado o anticlericalismo de uma forma excessivamente acentuada, como em um conto de *Bronzes*. Embora não tenha sido publicada em *O Cenáculo*, é produzido no mesmo período em que o grupo se reunia para troca de ideias acerca da publicação do periódico *O Cenáculo*.

Satan, Satan, Deus Astral, encarnação rubra de majestosa divindade, pesadelo negro das almas dos simples; escuta, Satan, grandioso Espírito, soberbamente diabólico, dominador autocrata das profundezas hiantes do Inferno, do mosteiro tétrico e pávido do Purgatório, realizado pela

imaginação de nevropatia e visionária dos jesuítas, escuta, escuta, Satan, esta Oração que te envio. Baixa o teu olhar, eu o quero como uma equimose de Luz, como um poente em fogo suspenso sobre mim, suspenso eternamente sobre minha cabeça, iluminando a treva profunda da minha Alma desvairada e louca; quero sentir o calor dos teus olhos, como um Sol imenso, a causticar as minhas carnes, os meus membros de cadáver da criança, hirtos e enregelados. Quero-o suspenso eternamente sobre mim, porque só o teu olhar de bêbado devasso, - sublime libertino do terror, - me poderá iluminar a estrada ríspida e medonha da existência, por onde transito como umromeiro cavo de desilusão.

Quero-te muito, Filho do Erro; quero-te muito, Espírito assombroso da treva. Satan, Satan, Deus das alturas infernais, Espírito hediondo da galhofa satírica e assombrosa, tu gargalhaste da religião do bem e concebeste a religião do mal, que triunfa com a bandeira negra desfraldada, símbolo do teu eterno luto, da tua dor eterna.

Fala!... Quero ouvir a tua voz como uma aldraba enorme e lúgubre, tatarlar monossílabos entrecortados por gargalhadas macabras. Quero ver desfilar por teus lábios rubros a caravana clangorosa das blasfêmias.

Satan, Satan, pesadelo negro das almas dos simples, escuta esta Oração que te envio, ilumina esta página que te ofereço, escrita na consagração da fé, com a convicção acérrima com que só Tu, gênio do mal, poderás iluminar a estrada ríspida e medonha da existência, por onde transito como um sonâmbulo louco tantalizado pelo azorrague dos infortúnios e das desilusões.

A ti, espírito majestosamente diabólico, este Salmo de Torturas, esta Oração infernal do Desespero (PERNETTA, 1897).

A tendência ocultista de Júlio Pernetta faz, através do conto acima, uma pesada crítica à sociedade e às chamadas “almas dos simples” que possuem um conhecimento pouco crítico acerca das questões espirituais e até mesmo intelectuais. A falta de compreensão das pessoas seriam motivos de criação imaginária de símbolos de repressão e medo. É possível observar um desprezo às regras sócioclericales e uma busca constante do novo e de um sentimentalismo profundo de negação dos princípios cristãos.

Essa maneira peculiar de Júlio Pernetta compreender o mundo também era própria de uma corrente ocultista já em voga na Europa e que começava a despontar no novo continente, embora com certa timidez. Em estudos sobre os escritos do autor, Natalia Simões de Vicente conclui que ainda que haja uma vontade de rompimento com as ideias clericais explícitas em obras de Pernetta, carrega muitos dos elementos cristão que contradizem o pleno desligamento com o clericalismo (VICENTE, 2004).

Dario Vellozo, por sua vez, era Rosacruz. A antiga Fraternidade Rosacruz nasce do século XIV e consistia na composição de um grupo considerado altamente espiritualizado, puros e que possuíam uma incomensurável sabedoria em relação aos demais. Eram tidos como alquimistas médicos e matemáticos. Esse grupo trabalhava

secretamente e formara uma fraternidade conhecida como “Ordem Rosacruz”, eram considerados “médicos da alma”. Somente aqueles que possuíssem um amplo conhecimento espiritual eram admitidos como membros no movimento, ou seja, os que estão no controle e ligados ao progresso e enriquecimento do mundo.

A forma de compreender os acontecimentos como consequências dos atos praticados pelos homens e não como encaminhamentos divinos, também mostra um afastamento das doutrinas ortodoxas da Igreja Católica do século XIX. Na prática de Dario Vellozo, os homens deveriam ser semelhantes a Deus, para tanto, se aperfeiçoariam durante diversas vidas através da eliminação de carmas não resolvidos em vidas passadas, a fim de não perpassarem ainda outras.

As questões indígenas também foram enfatizadas pelo autor e contribuíram para elucidar a aversão às ideias anticlericais do autor. Em nota a um artigo de Barbosa Rodrigues, na revista *O Cenáculo*, o literato defende a ideia “contra o pessimismo dos que supõem impossível o aproveitar do Índigena em civilização nossa” (VELOZZO, 1987, p. 13). É possível compreender a publicação do estudo desenvolvido com os índios da Amazônia, por Rodrigues, como uma maneira de oposição às ideias pregadas por modernistas e clericais de que os povos indígenas eram inúteis para o trabalho em decorrência de sua suposta falta de habilidade e disposição, principalmente para a lavoura e que seria necessária à importação de mão-de-obra estrangeira, em substituição aos negros africanos e afrodescendentes.

Considerações finais

Assim, destas breves análises realizadas, a partir da compilação de textos da revista *O Cenáculo*, depreende-se que as publicações do grupo de intelectuais e seus diálogos constantes com escritores europeus congregaram elementos da estética Simbolista, marcada pelo caráter atemporal e universal dos temas. Evidenciou-se nelas as tensões e contradições da modernidade que, ao mesmo tempo em que implicava avanços técnicos e industriais, mantinha um grande número de pessoas acríticas e analfabetas locais. Tais preocupações foram expostas de forma peculiar em periódicos diversos, crônicas, poesias, possibilitando uma releitura dos contornos que a capital República vinha adquirindo no período.

Dario Vellozo, Silveira Netto, Antonio Braga e Julio Pernetta buscaram na literatura uma alternativa para o debate acerca das questões políticas, sociais e culturais contemporâneas. E o grupo torna-se, neste contexto, uma forma peculiar de construção da história curitibana em seus mais diversos aspectos, pois tais fontes inferem formas de ver, pensar, sentir e dizer o mundo, aduzindo que também esta forma de narrativa simbólica fala sobre os dramas do cotidiano e da existência humana.

Compreender as ideias desse grupo de intelectuais e a sua influência no contexto em que viveram exige uma análise transdisciplinar, que permite ir além de das fronteiras entre as disciplinas, ou seja, explorar as possíveis conexões e diálogos entre a História, Filosofia, Artes e a Literatura, neste caso, sob o conceito central da sensibilidade. Conforme Sandra Jatahy Pesavento, esta é “uma forma de abordar a história e ainda se aproxima dos caminhos de um realismo fantástico, mostrando que também esta forma narrativa simbólica fala mais – e talvez até melhor – sobre os dramas do cotidiano da existência” (2009, p.2).

O anticlericalismo, o progresso da língua portuguesa, os conflitos no Oriente Médio, questões indígenas, teorias sobre a arte e crítica ao contexto contemporâneo, a morte, a desilusão são alguns dos temas destacados de maneira peculiar pelos cenaculistas e seus colaboradores intelectuais. O olhar crítico acerca das temáticas são, sem dúvida, inspiradas em uma literatura estrangeira e influenciadora de uma literatura nacional. Sobre esses assuntos, muitas análises podem ser tecidas, mas sua amplitude e complexidade só poderão ser expostas em estudos posteriores.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História. A arte de inventar o passado:** ensaios de teoria da história. Bauru (SP): Edusc, 2007.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Sonho e Invenção do Paraná:** geração simbolista e a construção de identidade regional. (Tese de doutorado em Sociologia). São Paulo: USP, 2001.

CHIAPPINI, L. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. **Literatura e sociedade:** Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada. v. 5. São Paulo: USP/DTLLC, 2000, p. 18-28.

FLORES, M. B. R. **Tecnologia e Estética do Racismo:** ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007.

_____; LEHMKUHL, L.; COLLAÇO, V. (Org.). **A casa do baile:** estética e modernidade em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

GARCIA JUNIOR, Edgar. **Tempo narrado: romances e modernidade em Santa Catarina.** (Tese de Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

GAY, Peter. **O Estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, A. C. Essa gente do Rio... **Estudos Históricos**, v. 6, n.º. 11, p. 62-77, 1993.

_____. **Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LENHENDHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária.** Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

MELLO, Sílvia Gomes Bento de. **Esses moços do Paraná...** Livre circulação da palavra nos albores da República. (Tese de Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. A cidade de Curitiba no discurso de viajantes e cronistas do século XIX e início do século XX. **Revista de História Regional**. 1(1):9-40, 1996.

PESAVENTO, S. J. Cidades imaginárias: literatura, história e Sensibilidades. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2009 Vol. 6 Ano VI n.º 1.

_____. Fronteiras da Ficção: diálogos da História com a Literatura. **História: fronteiras/ANPUH**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999.

_____. (org.). **Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura.** Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2000.

_____. & LANGUE, Frédérique (Org.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RÉMOND, R. **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

VICENTE, Natalia Simões de. **O satanismo na obra de Júlio Pernetta.** (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. São Paulo, 2004.

Fontes

O CENÁCULO. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1897.

GOMES Oliveira. Imagens. **O Cenáculo.** Curitiba, abril/1897.

PERNETTA, Julio. **Bronzes.** Oficinas do Atelier Novo-Mundo, Curitiba, 1897.

VELLOZO, Dario. **Cinerário & Outros Poemas.** Curitiba: 1996.

RODRIGUES, Barbosa. Pacificação dos Crichanás. **O Cenáculo.** Curitiba, abril/1897.

SILVEIRA NETTO, A Carta. **O Cenáculo**. Curitiba, abril/1897.

Recebido em: 13 de novembro de 2014.

Aprovado em: 16 de março de 2015.